

## O PINHEIRO

(CONTO DE ANDERSEN)

N'uma floresta, em sitio onde o ar girava livre, e o sol lançava a jorros a sua luz vivificante, vegetava um bonito pinheirinho. Rodeavam-no muitos camaradas mais velhos que elle e tambem mais corpulentos, altivos pinheiros e enormes carvalhos. O maior desejo do pinheiro era attingir a altura e corpulencia dos seus visinhos.

Era tal este desejo que nem se lembrava do sol brilhante nem do céu azul, nem dava attenção alguma aos bandos alegres das crianças que das proximidades vinham á floresta colher fructos; muitas vezes, depois das colheitas sentavam-se junto do pinheirinho, dizendo:—Que lindo! que bonito! Ai, que arvoresinha tão bonita!—Estas palavras enfadavam-no, em vez de o lisongear.

—Arvoresinha! pensava elle, sempre arvoresinha!

Todos os annos pela primavera lançava rebentões e crescia um bocadinho. O que elle mais desejava era crescer com rapidez dez vezes maior.—Oh! quem me dera ser já grande, muito grande, alargar os meus ramos, e dominar com o meu cimo a floresta e a planice! As aves construirão os ninhos na minha copa e quando o vento soprar mais rijo inclinar-me-hei com tanta graça e magestade como os meus altivos companheiros.

Estes maus pensamentos tornavam-no indifferente ao que devia agradar-lhe mais; nem escutava as harmonias alegres das aves cantando nas ramadas, nem admirava as nuvens purpureadas que durante o dia fluctuavam no azul dos céos. Chegou o inverno, e a neve branca scintillante. Muitas vezes uma lebre, per-

seguida pelos caçadores, salvava d'um salto o pinheirinho, que ficava muito injuriado. Dois invernos depois já tinha crescido bastante para que as lebres se vissem obrigadas a passar sob a rama. Assim elle desejava crescer com muito maior rapidez.—Crescer, subir, ser velho, é a melhor sorte que pôde haver.

No outono vieram os lenhadores, que derrubaram algumas arvores mais corpolentas; voltavam todos os annos. O pinheirinho já os via com aversão, as arvores magestosas cahiam com tamanho ruído cortadas pelos machados!

Cortavam-lhes os ramos e ficavam os troncos tão nús, tão esguios, que nem pareciam os mesmos. Collocavam nos depois em carros que os transportavam para fóra da floresta. Para onde iam? que seria feito d'elles?

Na primavera, quando as andorinhas e as cegonhas voltaram, o pinheiro perguntou-lhes:

—Não sabeis para onde os conduziram, não os haveis encontrado?

As andorinhas não sabiam cousa alguma a este respeito, mas uma cegonha, reflectindo um pouco respondeu:

—Penso que sei; quando vim do Egypto encontrei muitos navios com seus mastros novos e magníficos; eram elles talvez, os velhos pinheiros da floresta, ainda cheiravam muito a resina. Lá iam orgulhosos da sua posição.

Quem me dera ser já grande para viajar no mar! Dizei-me como é o mar? Com que se parece?

—Isso levaria muito tempo á contar, disse a cegonha e afastou-se n'um sereno vôo.

—Alegra-te da tua mocidade, lhe diziam os raios do sol; alegra-te da tua belleza, da tua vida cheia de seiva e de frescura!

E o vento acariciava a arvore, o orvalho aljofrava-o de lagrimas brilhantes; mas o pinheiro nem lhe dava attenção.

Pelo Natal os lenhadores cortaram muitas arvore-

sinhas, algumas inferiores em altura ao nosso pinheiro ambicioso; eram tambem postas em carros e levadas para fóra da floresta.

—Para onde vão? perguntou o pinheiro: alguns são mais pequenos que eu, e deixaram-lhes todos os ramos. Para onde irão elles?

—Eu sei, eu tambem sei, nós sabemos, chilrearão os pardaes. Estivemos na cidade, e espreitamos atravez das vidraças. Chegaram a ser muito felizes, chegaram ao mais alto grau da felicidade e de magnificencia. Collocaram-nos em salas bem quentes pelos fogões, penduraram-lhes nos ramos bolos e bonecos, e encheram-nos de luzes.

—E depois?... perguntou o pinheiro, com os ramos a estremecer, depois que aconteceu?

—Nós vimos isto só, ai que bonito era!

—Terei eu tambem uma sorte tão brilhante? pensou o pinheiro. Seria melhor do que andar sobre as aguas do mar. Parecem-me os dias tão compridos! Quando chegará o Natal para eu partir com os meus companheiros? Parece-me estar já numa sala bem quente, e cheio de enfeites. E depois... depois provavelmente ha de ser ainda melhor, pois para que era carregar os pinheiros de luzes e bonecos? Quem me dera saber já .., que impaciencia a minha. Sempre sou muito infeliz!

Alegra-te, lhe diziam o céu e os raios do sol, alegra-te na tua mocidade que viça no seio da natureza singela e pacifica.

O pinheiro crescia sempre; a rama tinha-se tornado d'um verde cheio de vigor e frescura, todos os que passavam, diziam:

Que bonita arvore!

Chegou o Natal; elle foi escolhido em primeiro lugar. O machado feriu-o d'um golpe na medulla. Suspirou, tremeu todo, cahiu esvaiado.

Em vez de pensar na sua felicidade, sentiu-se triste e cheio de agonia por deixar o lugar do seu nas-

cimento. Elle bem sabia que não tornava a ver os seus antigos camaradas, os arbustos, as flores mimosas que sempre o haviam cercado talvez nem tornasse a ver as avesinhas.

Aquella partida aquella separação encheram-no de pezar.

A arvore só voltou a si quando, com muitas outras, a descarregaram n'um pateo.

Approximou-se um homem e disse, apontando para o pinheiro :

—Este é bom, muito bom: é este que me convem. Vieram depois criados de librées agaloados, e levaram o pinheiro para o salão d'um grande fidalgo, era um salão cheio de preciosidades, nas paredes quadros de grande valor, na prateleira do fogão porcellanas da China: moveis d'ebano forrados de setim; mesas cobertas de objectos d'arte, marmores, bronzes, livros illustrados, magnificas gravuras, riquissimos albuns.

—Aqui n'esta sala, diziam as crianças, ha cem vezes cem libras.

Puzeram o pinheiro n'uma grande caixa cheia de areia; a caixa estava ornada de labores e laços de variadas côres.

A arvore tremia tanto! o que iria acontecer?

Vieram depois umas senhoras preparar o pinheiro; nos ramos suspenderam pequenos papeluços dourados cheios de amendoas e pâstilhas, penduraram laranjas, nozes prateadas, muitos cavallinhos e açafates; fixaram mais de cem velas vermelhas, azues e brancas. Bonecos tão grandes que pareciam criancinhas, repousavam nos ramos, e no vertice da sua corôa ergueram uma estrella dourada semelhante a um diamante.

O pinheiro estava absorto na sua immensa felicidade, nunca sonhára esplendor tal!

—Esta noite, diziam todos, como ha de ser bonito!

—Ai! quem me dera já a noite! pensou a arvore, quem me dera que estivesse todas as velas accesas. Mas depois que succederá? As outras arvores da flo-

resta virão ver-me? virão os pardaes espreitar-me a-través das vidraças? ficarei eu aqui de verão e d'inverno sempre enfeitado?

Pobre pinheiro, como elle se enganava! e com-tudo estas reflexões eram-lhe um supplicio.

Chegou a noite, accenderam-se as velas. Que liúdo! que magnífico!

A arvore tremia tanto que uma das velas cahindo incêndiou um dos ramos.

—Ai! ai! exclamou elle fremente; os criados cor-reram e apagaram o fogo. Desde então a arvore nem ousou estremecer; tinha medo de prejudicar os seus ornados; continuava louca e orgulhosa do seu esplendor.

De repente as portas abriram-se e uma alegre onda de crianças se precipitou no salão. Entraram em seguida os paes, parentes e amigos.

A principio as crianças ficaram suspensas, mudas de admiração ante a arvore do Natal; mas em breve começaram a gritar e a saltar de alegria, dançando em roda do pinheiro.

Poucos depois sahiram os numeros da loteria; todos tinham seus premios; pouco a pouco a arvore ficou sem ornatos; á medida que se proclamava um numero perdia um dos seus enfeites, que dos ramos virentes passava para as mãos das crianças.

—Que estão elles a fazer? que me acontecerá? pensava o ambicioso pinheiro

Tudo o que elle tinha de melhor foi tirado dos ramos, as velas acabaram também. Então os paes consentiram no saque dos bolos que restavam. Não foi preciso dizel-o duas vezes. Lançaram-se sobre o pinheiro com tanta violencia, que teria cahido se a estrella que estava presa ao tecto o não sustivesse. Depois de o ter completamente despojado, os pe- quenos recommçaram as danças e os brinquedos; nin- guem pensou mais no pinheiro, a não ser a velha go- vernante que foi ver se não teria esquecido por acaso alguma laranja ou tigo que ella podesse aproveitar.

—Um conto, uma historia, queremos um conto ! exclamaram as crianças e fizeram sentar junto do pinheiro um velho bom e alegre que os acompanhava, apezar da idade, nas brincadeiras.

—Estamos aqui debaixo de uma arvore, disse o velho; este pobre pinheiro estava ainda ha poucos dias na sua floresta e talvez aproveite alguma cousa do que vou contar. Só contarei um conto. Digam lá qual querem, o de Ivede ou o de Cloumpe-Doumpe, que cahiu por um escada abaixo, alcançando mais tarde honras e casando com uma princeza ?

—Ivede, gritaram uns; Cloumpe-Doumpe, pediram outros. E o bom velho contou a historia de Cloumpe-Doumpe, que cahiu por uma escada e desposou um princeza.

Quando acabou as crianças bateram as palmas, saltando de contentes, e gritaram todas :—Mais uma historia, mais uma só ! Queriam ouvir tambem a de Ivede; mas tiveram de se contentar com a de Cloumpe.

O pinheiro ficara pensativo, na floresta as aves nunca lhe haviam contado semelhantes cousas.

--Esta historia deve ser verdadeira, pensou elle comsigo; o velho que a contou parece ser digno de confiança; quem sabe se eu mesmo não terei aquella felecidade, cahir por uma escada abaixo e casar com uma princeza. Amanhã adornam-me provavelmente de novo; erguer-me-hei cheio de luzes e prendas, e escutarei mais uma vez a tal historia, e quem sabe se a de Ivede. Depois entregou-se aos seus pensamentos e ficou toda a noite sombrio e silencioso.

Na manhã seguinte os criados entraram na sala.

—Vão arranjar-me, pensou a arvore.

Mas arrastaram-na para fóra da sala, levaram-na para o sotão, e deixaram-na a um canto.

—Que quer isto dizer ? para que me trazem para aqui, onde para nada sirvo ?

E encostou-se á parede reflectindo. Bastante tempo tinha elle para pensar, pois os dias e as noites passavam sem que pessoa alguma entrasse no sotão: um dia foram lá buscar umas caixas velhas, mas no pinheiro nem buliram.

—Estamos agora no inverno, pensava elle, a terra está dura e coberta de neve; esperam a primavera para me plantarem, foi talvez para isto que me abrigaram. Como os homens são previdentes! O que me custa mais é ser o sotão tão triste e só; nem sequer apparece uma lebre por aqui. Era tão bom quando um animalsinho qualquer vinha brincar a minha sombra, e quando as aves tagarellas vinham cantar e chilrear nos meus ramos! Então entadava-me com bem pouca razão; aqui nada ha disso; ai! que terrivel castigo.

—Pip! pip! exclamaram dois ratinhos, que sahiram da sua toca, seguidos logo por um terceiro. Cheiraram, farejaram o pinheiro e treparam pelo tronco

—Ai! que frio! disse um, não sentes frio, velho pinheiro?

—Eu não sou velho, disse a arvore, ha muitos mais idosos que eu.

—D'onde vieste? então que sabes? viajaste muito por este mundo? Então já sabes onde são os armarios e a dispensa, onde ha muitos queijos postos em tabôas e presuntos pendurados, onde se entra magro e d'onde se sahe gordo?

—Não conheço essas cousas, mas conheço a floresta onde o sol brilha e onde as aves entoam os seus gorgeios,—e contou-lhes a sua mocidade, a sua vida na floresta.

Os ratos, que não tinham ouvido cousas semelhantes, exclamaram:

Que feliz tu és por ter visto tantas cousas!

—Sim, disse elle n'esse tempo, é verdade, era eu bem feliz! —E contou-lhes ainda os successos da

noite de Natal, sem se esquecer de descrever miudamente a magnificencia com que o haviam ornado.

Os ratos escutavam-no com prazer.

—Tu sabes contar d'um modo tão agradável!

No dia seguinte voltaram com quatro companheiros para que o pinheiro lhes contasse a sua vida.

A arvore tornou a contar e accrescentou em voz baixa estas reflexões :

—Sim, sim, eram bons tempos aquelles, e quem sabe se voltarão. Cloumpe-Doumpe cahiu por uma escada abaixo e casou com uma princeza—e dizendo isto lembrava-se d'uma giesteira que havia na floresta e que parecia uma verdadeira noiva com o seu véo branco de mimosa transparencia.

Na noite seguinte teve elle um auditorio ainda mais numeroso, e no domingo vieram tambem duas grandes ratazanas para o ouvir.

—Só sabes essa historia? perguntaram as ratazanas.

—Só esta, e a noite em que a ouvi pela primeira e ultima vez foi o mais feliz momento da minha vida.

—Não é lá muito interessante; não sabe nenhuma que falle do toucinho; da dispensa, das velas de cebo?

—Não, não sei, respondeu a arvore.

—Bem, bem, obrigado, tenha saude, disseram as ratasanas e voltaram para as tocas.

Os ratos desapareceram tambem e a arvore ficou de novo sósinha.

—Era bem agradável, dizia o pinheiro depois, quando os ratinhos vinham sentar-se em roda de mim para ouvirem a minha historia; tambem isso acabou! Quem me dera fóra d'aqui!

Uma manhã vieram os criados e levaram-no para o pateo.

—Revivo emfim, pensou a arvore, sentindo o ar livre e os raios do sol; e, na sua alegria esqueceu-se de olhar para si, para os seus ramos seccos sem fran-

ças nem verdura. O pateo confinava com um magnífico jardim. As roseiras, as clematites, as baunilhas entrelaçavam nas grades, o ar estava embalsamado de agradáveis aromas. As andorinhas voavam por entre as tilias.

—Sinto de novo a vida, pensava elle, sem reparar nos seus ramos seccos e nós, sem reparar nas ortigas que o rodeavam. De todas as maravilhas do passado só lhe restava a estrella dourada, brilhando ao sól. No pateo brincavam algumas das alegres crianças que pelo Natal tinham dançado em roda do pinheiro. Uma correu para o pobre pinheiro, saltou e arrancou a estrella.

—Olhem o que eu achei n'este pinheiro velho, gritou o pequeno caminhando sobre os ramos que estalavam e se partiam.

A arvore examinou-se então, reparou em si; achou-se tão feia ao lado das arvores que verdejavam e floreciam; desejou estar ainda no canto do sotão; recordou-se então, cheia de amargura, da sua mocidade viçosa passada na floresta, e nas passageiras glorias da noite do Notal.

—Misero, infeliz de mim, pensava elle, tive a felicidade e não soube gosá-la. Tudo acabou para mim.

Vem depois um criado, cortou o pinheiro em bocados, fez um feixe, levou-o para a cosinha e mettu-o no fogão. Instantes depois, do ambicioso pinheiro só restava um punhado de cinzas.

A historia deste pinheiro é a de muitos homens.

Felizes na condição modesta em que nasceram, desconhecem a sua felicidade; a vaidade e a ambição os levam para longiquos paizes. Como as arvores a quem falta o solo e o clima natal, vão morrer sobre a terra estrangeira, lastimando, mas muito tarde, a sua louca ambição.